

## CHAPADA DIAMANTINA/BA – ROTEIRO COMPLETO (8 dias/7 noites)

Em junho de 2016, escolhemos um destino nacional para nossas férias: a Chapada Diamantina, na Bahia. O Parque Nacional da Chapada Diamantina é ideal para quem ama interação com a natureza e quer aproveitar as férias para fugir um pouco do agito das grandes cidades.

### Roteiro dia-a-dia:

**1º dia:** desembarcamos na cidade de Lençóis já próximo a hora do almoço. Nosso receptivo foi feito pela agência Volta ao Parque, e o guia já estava nos aguardando no aeroporto.

Após uns 20 minutos de estrada, chegamos à nossa pousada ([Pousada Pouso da Trilha](#) – valor: R\$ 165,00 por noite – categoria B – Junho/2016) para o check-in. A pousada escolhida nos ofereceu um bom custo-benefício, era simples, porém muito agradável, bem localizada, limpa e tinha um bom café da manhã. A internet também funcionava a contento!

Após nos acomodarmos, saímos para almoçar em um dos [restaurantes da cidade](#), a escolha do dia foi um restaurante no estilo Self Service chamado [O Bode](#). Lençóis é uma cidade pequena, mas com boa estrutura para receber turistas, então não se preocupe com alimentação, pois certamente achará restaurantes que te agradam por lá! No jantar a cidade funciona a todo vapor, mas no almoço as opções reduzem bastante, já que a maioria dos turistas está nos passeios durante o dia, voltando para Lençóis apenas no final do dia.

Por volta das 14h, partimos para nosso primeiro passeio, em um lindo lugar chamado: Ribeirão do Meio (fica na própria cidade de Lençóis - cerca de 3,5 Km do centro de Lençóis). Fomos de carro até o início da trilha e após caminhar por aproximadamente 30/40 minutos (a trilha é tranquila, plana e com sombra em sua maior parte), chegamos ao famoso Escorrega do Ribeirão do Meio, no Rio Ribeirão (afluente do Rio São José). No local, há uma corredeira sobre lajes de arenitos e conglomerados lisos e escorregadios que formam um verdadeiro tobogã natural, que deságua num belíssimo poço de águas muito convidativas, onde passamos nossa tarde!

De volta a Lençóis, aproveitamos a noite e o movimento da cidade. E deixo aqui uma dica de um lugar super agradável para comer: Café do Mato Cafeteria e Creperia. Os crepes de lá são bom demais!!! Também vendem café gourmet no local, uma boa opção de "souvenir" (nessa região da Bahia eles cultivam o café da melhor qualidade do Brasil, mas tudo destinado à exportação).

**2º dia:** pela manhã fomos conhecer a Serra das Paridas, um sítio arqueológico que se tornou ponto turístico há pouco tempo na Chapada Diamantina. No sítio há mais de mil pinturas rupestres, todas feiras nos grandes blocos rochosos, impossível não se imaginar vivendo como os homens pré-históricos (rsrs), é uma viagem no tempo mesmo!

Depois seguimos para a linda Cachoeira dos Mosquitos (trilha de nível leve, com duração aproximada de 20 minutos), imponente com os seus 60 metros de altura e pura beleza. O nome da cachoeira é devido aos pequenos diamantes encontrados na região, mas infelizmente não tivemos a sorte de encontrar nenhum por lá!

Nosso terceiro destino do dia foi o grandioso Poço do Diabo. Não há consenso acerca de como surgiu o nome do local, mas uma das versões diz que seria em razão da tonalidade de suas águas de tom avermelhado. Para chegar até lá, fizemos mais uma pequena trilha sobre as

pedras e com algumas subidas, e a recompensa foi uma cachoeira tão linda quanto a primeira e um poço imenso para dar bons mergulhos. Não se assuste com a água aparentemente gelada do poço, porque depois do primeiro mergulho, tudo vira festa.

O pôr-do-sol foi no cartão postal mais conhecido da Chapada Diamantina: Morro do Pai Inácio, de onde se tem uma vista dos platôs que caracterizam a Chapada. Aqui foram mais uns 15/20 minutos de subida até o topo do morro.

Após tantas aventuras, retornamos a Lençóis para curtir um pouco de sua noite agradável e movimentada.

**3º dia:** Foi dia de visitar a Gruta Lapa Doce, a Fazenda Pratinha e a Gruta Azul. A Lapa Doce tem imensos salões e formações calcárias. A gruta é imensa e muito escura, então os turistas que a visitam recebem seus equipamentos (capacete e lanterna) antes de iniciar a exploração! Uma experiência fantástica.

Depois de explorar a caverna, partimos rumo à Pratinha. Se você já viu por aí fotos da Chapada Diamantina, com certeza muitas das fotografias mais lindas foram tiradas nesse lugar. Uma água tão tão clarinha, que dá vontade de entrar e não sair mais. No local também é possível fazer flutuação com snorkel (que em sua maior parte é dentro de uma caverna, então você mergulha com uma lanterna), tirolesa, caiaque e SUP. Ah, lá também tem um estúdio fotográfico submerso, muito bacana para quem adora uma fotografia diferente! Esses atrativos são pagos à parte e cada um tem um preço diferente.

Ao lado (dentro da mesma fazenda) está a Gruta Azul, uma nascente de água cristalina muito bonita. Quando o feixe de luz solar entra pela caverna e incide na água, o azul reflete de forma tão intensa, que parece que colocaram corante na água!

Nossa pernoite mais uma vez foi em Lençóis, então aproveitamos para conhecer o restaurante [Lampião Culinária Nordestina](#) e aproveitar mais um pouquinho da noite na charmosa cidade que se preparava para a festa de São João que se iniciaria na próxima semana.

**4º dia:** Saímos logo cedo em direção ao leste do Parque Nacional para fazer a flutuação no Poço Azul (o passeio é limitado em relação ao número de pessoas e por isso funciona horário marcado). O Poço Azul é uma caverna com água cristalina de visibilidade incomparável (sério, nunca vi nada igual na vida). Mesmo com profundidade de até 60 metros, é perfeitamente possível ver o fundo (até mesmo com a cabeça fora da água). Entre os meses de novembro a janeiro, a incidência solar não ocorre diretamente na água, mas é maior e dura mais tempo (das 10h às 16h), contribuindo ainda mais para a visibilidade da flutuação.

Achei que passaria muito frio por flutuar dentro de uma caverna com pouca iluminação, mas, pra minha sorte, estava enganada: a temperatura da água não se altera no decorrer do ano, mantendo-se sempre em torno de 24º C. Durante a flutuação, é obrigatório o uso de colete e lá é proibido mergulhar ou bater os pezinhos! O lema é “keep calm and enjoy it!”.

As grutas com poços de águas cristalinas são uma das principais atrações da Chapada Diamantina, e continuando em busca de outras águas azuis, visitamos o Poço Encantado. O lugar, assim como a Gruta Azul (contei sobre ela no primeiro post sobre a Chapada), é apenas para contemplação, e que contemplação! O visual impactante é gerado pela combinação da transparência e do reflexo azul da água, que durante o outono e inverno, devido à posição do

sol, os raios penetram nas cavernas e atravessam os poços, formando um incrível feixe de luz azul turquesa que destaca ainda mais sua cor, e mesmo com profundidade que varia de 20 a 60 metros, é possível ver nitidamente o fundo de fora da água (e no escuro da caverna). No Poço Encantado, esse espetáculo dura até o dia 10 de setembro. Além da data, preste atenção também nos horários: a média dessa incidência é de 3h por dia – das 10h até às 13h, então: programe-se para não perder o show!

Na sequência, seguimos viagem até a Pitoresca Vila de Iguatu, feita de pedras e encravada na Serra do Sincorá, foi construída há muitos anos por garimpeiros, sendo hoje habitada por pouco mais de 400 pessoas. Lá visitamos as ruínas que a fazem ser conhecida como “Machú Pichu Brasileira”. Conhecemos também a Galeria Arte e Memória, um museu a céu aberto que retrata o período do garimpo no local, depois aproveitamos para tomar um café da tarde da cafeteria da própria galeria e passamos horas ouvindo as histórias contadas pelo Rafa (nosso guia) sobre o período do garimpo, a cultura local e como é a vida naquele lugar tão mágico.

Pernoitamos em Iguatu (pela distância já percorrida durante o dia e roteiro dos dias seguintes, não seria adequado voltar a Lençóis, por isso o nosso roteiro também incluiu pernoite em outras cidadezinhas). A Pousada escolhida foi a [Pousada Flor de Açucena](#), toda construída ao redor das rochas originárias da Vila de Iguatu, em perfeita integração com a natureza.

**5º dia:** Após o café da manhã, partimos em direção ao extremo sul do Parque Nacional, até o município de Ibicoara, onde visitamos minha (até então desconhecida) atração preferida: a espetacular Cachoeira do Buracão, com aproximadamente 100 metros de queda em forma circular e um impressionante cânion sinuoso! É realmente um lugar de tirar o fôlego. Tivemos a oportunidade de conhecer a cachoeira por cima (o que nos rendeu fotos incríveis) e, depois de uma trilha de 6 km (nível intermediário), tivemos também a oportunidade de mergulhar naquelas águas, nadar pelo cânion e relaxar embaixo da queda d'água!

Fizemos um lanche reforçado no local (tudo preparado pela agência que escolhemos) e depois seguimos até a charmosa cidade de Mucugê, local da nossa pernoite. Dessa vez, a pousada escolhida foi a [Pousada Monte Azul](#) (achamos um bom custo-benefício e tinha um café da manhã com várias opções, inclusive tapiocas feitas na hora).

**6º dia:** Esse foi definitivamente o dia da trilha mais intensa. Seguimos de Mucugê até Guiné de carro. Guiné é a entrada para o Vale do Pati, cuja travessia é considerada a mais linda do Brasil. Nosso destino era apenas o Mirante do Pati (não fizemos a trilha do Vale, pois isso exige pelo menos 3 dias), onde avistamos as montanhas e por onde passam as caminhadas da travessia. Foram aproximadamente 19 km de trilha, de dificuldade intermediária/avançada, em razão da distância e subida (logo no início da trilha). Não digo que não gostei da experiência, mas caminhar tantos quilômetros somente para chegar até o mirante? Confesso que hoje trocaria este passeio por outro. Fazer o passeio completo (trilha de 3 dias ou mais) deve ser muito show, mas a simples visita ao mirante (depois de tantos quilômetros de caminhada com sol forte na cabeça) acho dispensável (mas essa é apenas a minha opinião, ok?).

No fim do dia seguimos para o Vale do Capão, uma comunidade pitoresca com seus encantos próprios, onde a tranquilidade e a interação com a natureza parecem fazer parte da rotina dos locais. Pelo tamanho e estrutura do local, não recomendo não passar mais de uma ou duas noites por lá. Para jantar, procurem pela [Pizzaria Capão Grande](#) e experimentem uma pizza rústica, cortada assimetricamente em 16 pedaços para se comer com as mãos.

Pernoitamos no Vale do Capão, mas, dessa vez, a pousada escolhida ficou bem abaixo do esperado, então não faz sentido recomendá-la aqui...

**7º dia:** mais um lugar maravilhoso para lista: Cachoeira da Fumaça (pelo lado de cima, pois a trilha para vê-la do lado de baixo é outro tipo de passeio, com duração de mais de um dia, sendo preciso acampar no caminho). É a segunda maior cachoeira em queda livre do Brasil, com quase 400 metros.

Fizemos um trekking de cerca de 13 km (total) e esse sim é totalmente recompensador! Embora seja muito difícil encontrar a Fumaça com água (só tem água nos períodos chuvosos – dezembro/janeiro), a vista que se tem lá de cima é privilegiada, e faz qualquer um descobrir que tem medo de altura.

Sabe aquele lugar que por mais que você tente descrever parece que faltam palavras? E o mais legal é que fui até lá sem esperar muito, pensando “que graça teria uma cachoeira sem água?” E não é que eu me enganei redondamente? A falta de água não tira em nada o escândalo que é esse lugar!

Na parte da tarde desfrutamos da tranquilidade do Riachinho e aproveitamos nossos últimos momentos de sol na Chapada Diamantina, pois no dia seguinte (depois de desfrutar mais um pouquinho da graciosa cidade de Lençóis e comer mais um crepe do [Café do Mato Cafeteria e Creperia](#)) já seria necessário pegar o voo de volta para casa, ficando as lembranças dos dias tão especiais que passamos por lá e a vontade de voltar para conhecer mais um pouquinho daquele paraíso!

**8º dia:** retorno pela manhã.

Claro que existem inúmeras outras opções de turismo na Chapada, cidades para conhecer e lugares para explorar, mas o nosso roteiro atendeu muito bem as nossas expectativas, pois envolveu passeios variados, e assim tivemos a oportunidade de ter uma noção ampla do que é a Chapada Diamantina. Seja qual for seu interesse, se você, assim como nós, também é apaixonado por ecoturismo, certamente encontrará sua opção perfeita por lá! Há roteiros mais leves, mais intensos, com mais ou menos adrenalina, e você pode montá-lo conforme seu perfil!

### **O que levar na mala/mochila para conhecer a Chapada Diamantina?**

- Levar uma mochila de 15 a 30 litros para levar nos passeios.
- O que levar na mochila? Toalha (de preferência aquelas próprias para trekking, de secagem rápida), canga, roupa de banho, óculos de sol, chapéu/boné, capa de chuva (se sua viagem for durante o período chuvoso), casaco corta vento (no fim do dia a temperatura costuma cair), repelente, protetor solar, chinelo, uma troca de roupa, água, snacks (e saquinho plástico para guardar seu lixo).
- Roupas leves (calça e bermuda/shorts próprios para trekking, camisetas, blusa para a noite) e sapatos confortáveis (tênis/bota para caminhar e chinelo são fundamentais).
- Câmera fotográfica (para registrar tudo!).